

ABA – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA
26ª REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA
Porto Seguro (BA), 1º a 4 de junho de 2008

MR-26: «ANTROPOLOGIA & ESTÉTICA – II: A Arte como Conhecimento Antropológico».

Coordenador: Dr. Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes (UFC)

**Participantes: Dr. Ordep José Trindade Serra (UFBA),
Dr. Rafael José de Menezes Bastos (UFSC) e
Dr^a Idilva Maria Pires Germano (UFC).**

Dr. Eduardo Diatahy B. de Menezes <ediatahy@secrel.com.br>

- Doutor em Sociologia do Conhecimento – Université François Rabelais (Tours, França).
- Pós-Doutorado em Antropologia Histórica, na École des Hautes Études en Sciences Sociales - EHESS, Paris (com Jacques Le Goff) e no Collège de France (com Jean Delumeau).
- Professor Emérito da Universidade Federal do Ceará e Titular do Doutorado em Sociologia (UFC).

Rua Dr. Márlcio Fernandes, 140 – (Gururapes) / 60 810-024 Fortaleza, CE

Tel.: (85) 3261-7968 ou 3241-2209. / Cel.: 85 9969 6284.

TÍTULO: Os escritos “brasileiros” de VIEIRA como fonte barroca de nosso *êthos* cultural – um estudo exploratório.

RESUMO: Pretendo com esta comunicação expor resultados preliminares de um estudo exploratório das fontes barrocas na constituição do *êthos* cultural do Brasil e submetê-los à autocrítica criativa na perspectiva simultânea da ciência e da arte. A pesquisa baseia-se numa hipótese relativamente ousada, segundo a qual em nossa formação histórica como povo e nação, não possuindo um período medieval, surgimos, de plano, em meio à florescência dominante, durante dois séculos, do **Barroco**; encarado este, porém, não apenas como expressão estética delimitada por periodizações tradicionais da História da Arte, mas, sobretudo, como visão do mundo entranhada no nosso modo de ser, de parecer, de criar e de agir. Na fase atual deste Projeto de Pesquisa mais longo e abrangente, examinarei alguns achados exploratórios nos traços marcantes das **concepções e estilo cognitivo** de Antônio VIEIRA (Lisboa, 1608 - Bahia, 1697), em particular nos seus escritos mais diretamente concernentes ao Brasil. O difícil no caso é a escolha em face da grandeza da obra e da amplitude de sua fortuna crítica.

**OS ESCRITOS “BRASILEIROS” DE VIEIRA COMO FONTE
BARROCA DE NOSSO ÊTHOS CULTURAL –
UM ESTUDO EXPLORATÓRIO.*
(Notas Preliminares para Exposição)**

**Dr. Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes
Professor Emérito da Universidade Federal do Ceará**

AUTHOR'S PERMISSION REQUIRED TO CIRCULATE OR REPRODUCE THIS TEXT IN ANY FORM / (O
AUTOR SOLICITA NÃO CIRCULAR OU REPRODUZIR ESTE TEXTO SOB QUALQUER FORMA SEM SUA
PERMISSÃO)

INTRODUÇÃO

Assinalo desde logo que não pretendo com esta comunicação mais do que expor resultados preliminares de um estudo exploratório das fontes barrocas na constituição do *êthos* cultural do Brasil e submetê-los à autocrítica criativa na perspectiva simultânea da ciência e da arte, ou das relações entre Antropologia Social e Estética. Pesquisa esta que se baseia numa hipótese relativamente ousada, segundo a qual em nossa formação sócio-histórica como povo e nação, não possuindo um período medieval, surgimos, de plano, em meio à florescência dominante, durante pelo menos dois séculos, do **Barroco**; encarado este, porém, não apenas como expressão estética delimitada por periodizações tradicionais da História da Arte, mas, sobretudo, como visão de mundo entranhada no nosso modo de ser, de parecer, de criar e de agir. Na fase atual deste Projeto de Pesquisa mais longo e abrangente, examinarei alguns achados exploratórios nos traços marcantes das **concepções** e do **estilo cognitivo** de Antônio VIEIRA (Lisboa, 1608 - Bahia, 1697 – de quem estamos a comemorar o IV Centenário), em particular nos seus escritos mais diretamente concernentes ao Brasil.

Todavia, uma das maiores dificuldades com que se defronta o estudioso desta temática constitui, em primeiro lugar, a própria figura do Padre Antônio Vieira por sua longa vida a produzir uma biografia riquíssima de lutas grandiosas e de glórias, mas também de sacrifícios, fracassos e sofrimentos; e, por outro lado, a ingente tarefa da escolha em face da

* “Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.”

obra monumental que deixou e da amplitude de sua fortuna crítica, que só faz crescer mais e mais ao longo do tempo. Excetuados alguns de seus textos fundamentais até hoje inéditos, como o escrito da maturidade – *Clavis Prophetarum*, Vieira deixou 207 *Sermões* e 731 *Cartas*, além de alentado número de relatórios e projetos. Só a edição de suas *Cartas*, preparada pelo historiador português João Lúcio de Azevedo, se distribui em três grossos volumes de grande formato, compondo um total de 2.110 páginas. Vieira constitui uma espécie de monstro sagrado das letras luso-brasileiras, mas cuja obra expressa íntima relação com a vida e a função social de uma inteligência privilegiada, de quem era simultaneamente um erudito de alta reflexão, que se exprimia em escritos primorosos, e um homem de ação, radicalmente político em suas posições.

Embora tenha vivido no Brasil 51 anos de sua longa existência, tenha amado e lutado pelo Brasil, a maior parte de sua extensa obra, escrita, porém, diz respeito ao seu empenho pela pátria de origem. Quando em 1921, Afrânio Peixoto e Constâncio Alves elaboraram minuciosa antologia intitulada *Vieira Brasileiro*, em dois volumes, procederam eles a uma garimpagem cuidadosa com base nas edições de suas obras disponíveis então, e chegaram a arrolar os seguintes textos: 20 *Sermões*, a *Relação da Missão da Serra da Ibiapaba* (1656-60), e 18 *Cartas*, dentre as quais a célebre *Carta Ânua da Província do Brasil* (1625) ao Geral da Companhia de Jesus em Roma, escrita aos 18 anos de idade, em latim, por comissão e obediência aos seus superiores.

Como sabemos, Vieira não escrevia propriamente o texto de seus longos sermões, de modo que aquilo de que dispomos hoje perdeu parte do impacto que poderia ter causado a sua elocução viva, visto que só nos últimos anos de sua existência, já cheio de achaques em sua saúde combalida e recolhido à Bahia, ele se devota a escrever definitivamente o conjunto desta parte mais prestigiosa de sua obra literária. Eis a seguir pequena cronologia das edições de seus textos, mas obviamente há outras edições mais recentes:

1718. 1ª edição do «Livro Anteprimeiro» da *História do Futuro*.

1735. 1ª edição das *Cartas*, organizada pelo Conde de Ericeira e o oratoriano Antônio dos Reis (2 tomos).

1736. Publicação das *Vozes Saudosas*, pelo jesuíta André de Barros, primeiro biógrafo de Vieira.

1746. 3º tomo das *Cartas*.

1748. Publicação de *Voz Sagrada*, ou *Suplemento às Vozes Saudosas*, 15º e último tomo da *editio princeps* dos *Sermões*.

1854-55. Nova edição das *Cartas*, 4 tomos.

1854-58. Edição das *Obras Completas*, em Lisboa, por Seabra e Antunes, em 27 tomos.

1856-57. Publicação das *Obras Inéditas* (3 tomos) e das *Obras Várias* (2 tomos).

1907-9. Nova edição dos *Sermões*, Lello & Irmão, do Porto, em 15 volumes.

1925-28. Nova edição das *Cartas*, pela Imprensa da Universidade de Coimbra, com anotações de João Lúcio de Azevedo (3 tomos).

1943-45. Edição fac-símile da 1ª edição dos *Sermões* pela editora Anchieta de São Paulo (16 tomos).

1951-54. *Obras Escolhidas*, seleção e comentários de Antônio Sérgio e Hernâni Cidade, editada pela Sá da Costa, em 12 volumes.

1957. Publicação da *Defesa perante o Tribunal do Santo Ofício*, por Hernâni Cidade, pela Livraria Progresso Editora, de Salvador (em 2 tomos); início da publicação dos *Sermões*, em 24 tomos, da Editora das Américas, São Paulo, reproduzindo a edição de 1679.

1959. Reimpressão da edição dos *Sermões*, da Lello, em 5 tomos.

1976. Edição crítica do «Livro Antepreimeiro» da *História do Futuro*, por Joseph van den Besselaar, publicada em Münster.

1983. Edição portuguesa do «Livro Antepreimeiro» da *História do Futuro*, preparada por Joseph van den Besselaar, lançada pela Biblioteca Nacional, na série Autores Clássicos.

1994. Edição da *Apologia das Coisas Profetizadas*, conjunto de textos constantes do processo de Vieira no Santo Ofício, relativos à *História do Futuro*; organização e fixação de texto por Adma Fadul Muhana (Lisboa: Cotovia).

[*Apud* VIEIRA, Pe. Antônio, 1995, pp. XXXV-XXXVI – organizada por Alcir Pécora].

NOTAS PRELIMINARES DA PESQUISA

a) Padre Antônio Vieira, trajetória de um “homem impossível”

Em seu poema *Mensagem*, Fernando Pessoa saúda Vieira com estes versos:

*«Este, que teve a fama e a glória tem,
Imperador da língua portuguesa ».*

Que dizer, pois, de Vieira se quase tudo já foi dito a seu respeito?

Com efeito, o Padre Antônio Vieira vem sendo estudado e biografado desde seus contemporâneos. Entre seus biógrafos, o primeiro, ainda no século XVII, foi o jesuíta italiano Giovanni Antonio **Andreoni** (autor do clássico *Cultura e Opulência do Brasil*, escrito sob o pseudônimo de André João Antonil, segundo a identificação feita por Capistrano de Abreu) que lhe escreve o necrológio na *Carta do Padre Reytor do Colegio da Bahia em que da conta ao Padre Geral da morte do Pe. Antonio Vieyra & refere as principaes ações da sua vida* [impressa nos *Ann. da Biblioth. Nac.*, t. XIX, Rio de Janeiro, 1897, p. 146-160]. Em seguida, já no século XVIII, o Padre André de Barros, da Companhia de Jesus (foi quem coligiu o

tomo XV e II das obras póstumas, da edição *princeps*) em sua profunda admiração por Vieira traça-lhe o panegírico na obra *Vida do Apostolico Padre Antonio Vieyra Da Companhia de Jesus, chamado por antonomasia o Grande: aclamado no Mundo por Príncipe dos Oradores Evangélicos...*, impressa em Lisboa, em 1746. No século XIX, D. Francisco Alexandre Lobo, Bispo de Viseu, publica o *Discurso Histórico e Critico acerca do Padre Antonio Vieira e das suas obras*, em Coimbra, Imprensa da Universidade, 1897; por sua vez, do historiador João Francisco Lisboa sai *Vida do Padre Antonio Vieira*, que constitui o 4º vol. das *Obras Posthumas* desse autor, em São Luiz do Maranhão, 1864-65; e do jesuíta francês, E. Carel, sai em Paris, em 1879, a obra *Vieira, sa vie et ses œuvres*. Finalmente, no século XX, do historiador português João Lúcio de Azevedo, grande amigo de Capistrano de Abreu, vem à luz *História de Antonio Vieira*, em Lisboa, Liv. Clássica, t. I, 1918 e t. II, 1921¹. Agora, em 2008, com as comemorações do quarto centenário de seu nascimento, outras obras biográficas sobre Vieira estão previstas.

Daí para frente, os estudiosos posteriores, no que tange à documentação e aos lances principais de sua vida tumultuada, limitam-se a retirar dessas e de mais algumas fontes os materiais de que necessitam. Portanto, sem alimentar a presunção de inovar, seguirei mais ou menos os passos de um desses intérpretes mais recentes.

Vieira constitui uma dessas imensas figuras históricas cuja obra e cuja ação estão inextricavelmente ligadas ao seu percurso existencial. A fim de retratar aspectos relevantes de sua caminhada pessoal, tomarei como guia o bom ensaio que meu colega José Carlos Sebe Bom Meihy escreveu como introdução a uma coletânea de escritos de Vieira que ele preparou [1992]. Portanto, seria válido afirmar que também a relação entre o padre Vieira e a instituição em que se abrigou e se formou, a Companhia de Jesus, constitui dimensão crucial para compreender esse homem que foi a um tempo levemente mulato, neto de africana, e membro de uma das mais rigorosas e elitistas instituições do Brasil colonial e que Capistrano de Abreu tinha como um dos moldes do Brasil como tal. Charles Boxer, o historiador inglês, o considerava como a mais importante figura do mundo luso-brasileiro no século XVII.

O guia a quem busco seguir neste roteiro insiste desde logo que são sem fundamento as discussões que tentam enquadrá-lo como um exclusivo lusitano, visto que esse jesuíta formado no Brasil, por seu imenso descortino e tendo vivido como numa ponte entre Brasil e Portugal, foi indubitavelmente o mais completo teórico do império português, que ele só o

¹ Agora, em 2008, com as comemorações do quarto centenário de seu nascimento, outras obras biográficas sobre Vieira estão previstas.

entendia na sua ligação inelutável com sua colônia brasileira, sem esquecer as de África e de alhures. Igualmente, seria indigente encará-lo apenas como clássico de nossas “letras”, engaiolado em manuais e antologias, ou, o que seria ainda mais reducionista, tentar centrar a análise de sua variada obra e ação, predendo-se a ângulos fragmentários que o apanham apenas como “político”, “economista” ou mesmo simples “religioso”. De fato, Vieira só será bem entendido dentro da vastidão do universo em que se moveu e tendo em conta o desiderato fundamental de seu desempenho: a reconstrução da grandeza do Império Português pós-Restauração, como império cristão e justo sob o impulso de Deus.

Padre Vieira nasceu em Lisboa, sob domínio espanhol, aos 6 de fevereiro de 1608 e morreu na Bahia, aos 18 de julho de 1697, com 89 anos, 5 meses e 12 dias. Filho de modesta família de funcionários públicos; sua avó, por parte de mãe, era africana; já seu avô pertencera à criadagem do Conde de Unhão e de seus amores com a mulata nascera sua mãe, em virtude do que fora expulso da casa. Tais traços dessa origem são visíveis em sua face, o que pode ter influído em suas idéias, sobretudo no seu empenho e luta a favor dos negros, dos índios e de outros grupos injustiçados.

O ano de 1614 marca sua primeira travessia de largo curso, vindo para o Brasil em companhia do pai, “escrivão da devassa dos pecados públicos”, nomeado para a Relação da Bahia. Assim, ainda criança iniciou sua formação na escola dos jesuítas e aos 15 anos fugiu de casa para se integrar na Companhia de Jesus. Ele próprio revela que o apelo à vida religiosa veio da pregação do padre Manuel do Carmo sobre as torturas do Inferno, que o levaram a resistir à oposição dos pais a seu intento. Da Companhia de Jesus jamais se desligou, posto que não tenham faltado internamente ameaças de sua expulsão.

Em 1623 entra para o noviciado e em 1625 professa seus votos, transferindo-se no ano seguinte, aos 18 anos de idade, para o Colégio dos Jesuítas de Olinda, onde se torna professor de Retórica. Ordenou-se em fins de 1634 e principia sua carreira exitosa de pregador. Mas seus propósitos o prediam à tarefa de missionar junto aos índios e aos negros; eis por que, ainda estudante, aprendeu a língua geral dos brasis e o quimbundo de África. Conforme sublinha José Carlos Sebe Bom Mehy, Vieira proferiu, em sua primeira pregação, «referência aos negros, abrindo assim uma carreira de polêmicas e lutas. Por que teria iniciado sua carreira pregando a favor dos negros? Tal questão redobra os interesses quando se percebe que, se favorável à melhoria do trato aos negros, não propunha Vieira a libertação dos mesmos. Convém, aliás, lembrar que a Companhia de Jesus era uma das grandes agências colonizadoras e que detinha ela grandíssimo número de escravos africanos.»

Por outro lado, outros condicionantes histórico-políticos influíram decisivamente na parenética e na atuação de nosso jesuíta para além de seus pontos de vista pessoais. Sobretudo porque se trata de membro de uma ordem religiosa «que se impunha como espinha dorsal da moralidade e da política colonial... Sob suas palavras consubstanciavam-se os brados contra a Holanda invasora e a favor da unidade portuguesa que deveria, tanto na Bahia quanto na África, igualmente invadida pelos holandeses, se rebelar em nome de um destino glorioso, desenhado pelos céus.» Foi nessa quadra, portanto, em face de novo ataque holandês, que Vieira proferiu dois de seus sermões mais ousados, como o «Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda», pregado na Igreja de Nossa Senhora da Ajuda na cidade da Bahia, no ano de 1640. Isso representava uma inflexão em sua carreira de brilhante orador. «Começava – sublinha Bom Mehy – também aí a desenvolver suas teses proféticas, insinuando a presença de Deus nos desígnios portugueses.

Portanto, sendo por esse tempo figura expressiva no mundo colonial, parte em 1641, na companhia do filho do vice-rei, dom Fernando de Mascarenhas, para Lisboa, com o propósito de saudar o novo rei D. João IV, que assumiu o trono com a restauração da independência de Portugal. Inicia-se aí nova fase de sua vida e alargamento do horizonte de sua influência nos negócios do reino: «Desde então a amizade e a proteção deste se estenderam sobre Vieira e pode-se dizer que as idéias do jesuíta desenvolveram-se em coerência e graças à política desse monarca. Tendo-se tornado amigo, conselheiro e pregador régio, foi dado a Vieira um cenário para elaborar suas interpretações sobre o destino português e nele as propostas para um tipo de cristianismo imperial readaptado.» Assim a proteção de D. João IV e sua condição de membro eminente da Companhia de Jesus reforçavam a fama de seu brilho de pregador.

A mesma fonte que venho seguindo assinada a importância deste momento crucial do percurso de Vieira. Com efeito, no início do ano de 1642, Vieira pronuncia um de seus sermões de relevo – o «Sermão dos Bons Anos» – que consiste no primeiro texto a expor ordenadamente alguns dos pressupostos da ação reformista do império: 1) a necessidade de lutar; 2) os destinos messiânicos de Portugal e a premência em vencer os inimigos; 3) a superação dos problemas internos portugueses através da militância, no caso específico da luta contra Castela. Vale salientar que a tese exposta aí por Vieira seria uma espécie de matriz básica de sua argumentação daí para frente.

Sua proposta empolgava seu público sempre numeroso. Lutar contra Castela, sua vizinha e adversária, levaria os portugueses superar uma dependência que barrava a realização de seu destino como povo eleito. Essa herança nefasta estava ligada

historicamente ao desaparecimento, em 1580, de seu jovem rei Dom Sebastião na batalha contra os mouros. Era o Encoberto, como ficou conhecido no imaginário popular e erudito português. Enquanto tais esperanças messiânicas de seu retorno não se efetuvavam, de 1580 a 1640, Castela assumiu o comando peninsular, integrando a si os dois impérios com seus domínios. A Restauração não descontinou os conflitos armados, tanto no continente europeu quanto nas colônias.

Eis por que – sublinha Bom Mehy – «o discurso inflamado de Vieira era uma voz mais que alentadora». Alimentando-se de argumentos místicos, ele cumpria a função de exaltar aquele novo momento. Deus era invocado como pai, guia e soldado, o que lhe permitia apontar para a formação de um exército invencível, visto que conduzido por forças celestiais. Identificava em Dom João IV a possibilidade de realizar-se o sonho de uma pátria predestinada, estribando suas idéias no fundamento que legitimava negociações com elementos capazes de contribuir para o sucesso das armas reais. Daí extraía justificativas úteis para aproximações com os judeus. Porque via no retorno dos capitais judaicos lastro possível para financiar as transformações que almejava. O empenho de Vieira se fazia no sentido de amenizar as tensões anteriores em relação àquele grupo perseguido pela Inquisição. Simultaneamente, agia junto ao rei com o objetivo de reduzir o poder dessa Instituição, cujos agentes pertenciam sobretudo à Ordem dos Dominicanos, em tradicional rivalidade com os Jesuítas. E seu objetivo mais pragmático implicava atrair judeus e cristãos-novos para propósito de trazer recursos para a Companhia de Comércio das Índias e a criação da Companhia de Comércio do Brasil, que de fato veio a se constituir em 1649, após extensa ação de diplomática em que se envolveu, em nome do reino, com França, Holanda, Itália e colônias. A despeito do enorme esforço aí investido, seus êxitos foram mínimos; e seu prestígio como pregador e negociador fora proporcional aos inimigos que conquistou. Dentre seus intentos grandiosos, Vieira pretendia também outros em escala mais restrita como a divisão administrativa das Províncias de sua Ordem, o que despertou graves desconfianças contra si dentro da própria Companhia de Jesus, que buscaram sua expulsão.

Cansado com seus malogros diplomáticos e desencantado com a Europa, partiu de volta ao Brasil em 1652, desembarcando no Maranhão, província que integrava o Grão-Pará, que constituía uma das divisões da colônia. No ano seguinte, é nomeado Superior das missões jesuíticas dessa área, participa de entrada pelo rio Tocantins. Realiza então, outra vez, sua vocação de missionário. Pertencem a esse período suas atitudes mais veementes em favor de índios e de escravos. E minha fonte principal assinala: «Como seria conveniente aos seus propósitos, desenvolveu uma série de conceitos instrumentais sobre o sentido da escravidão. Definições e normas eram materializadas em palavras que ganhavam força e atraíam

antipatias dos inimigos». Em “Carta ao Provincial do Brasil” (1654) dá conta das condições desastrosas em que estavam sendo feitas as entradas e os resgates dos indígenas. «Ao mesmo tempo, nas florestas e nas missões, lia com intensidade a Bíblia». Uma vez que os conflitos se multiplicam, retorna à Lisboa em busca de medidas que assegurassem o fim do cativeiro dos índios e as prerrogativas dos jesuítas na administração temporal e espiritual desses negócios.

Por esta fase ainda, além de sua militância a favor dos índios e negros, ele intensifica suas especulações acerca de um novo Império de extensão mundial, em que Portugal seria o artífice desta nova era da história, realizando aquilo que seria o *Quinto Império da Humanidade*, depois dos antecessores: Assírio, Persa, Grego e Romano. Investindo os portugueses de novo povo eleito, Vieira baseava suas afirmações na Bíblia e nas profecias populares veiculadas nas trovas de Bandarra. Mas a nova viagem a Portugal, em 1654, o expôs ainda mais aos seus inimigos da metrópole. Além disso, a morte de Dom João IV, em 1656, retirava-lhe a grande proteção que o rei lhe dedicava, tornando aquele combatente cada vez mais vulnerável. Surge assim nova denúncia do Santo Ofício contra ele, que, retornando ao Brasil, conclui sem período como Superior e é designado Visitador, em 1658. No ano seguinte, participa de entrada pelo rio Tapajós, e envia ao seu amigo André Fernandes, Bispo do Japão, seu escrito profético «Esperanças de Portugal...». Este é intimado a entregar o escrito ao Santo Ofício, surgindo o primeiro parecer sobre o processo contra Vieira favorável à sua prisão.

É desse período sua passagem pela missão da Serra da Ibiapaba. Os conflitos entre colonos e jesuítas se agravam, sendo estes expulsos do Maranhão. E Vieira é enviado à força para a cidade do Porto (1662), o que torna mais próximo da sanha da Inquisição, que exige sua vinda para Coimbra (1663) e o submete a julgamento humilhante, condenando-o à prisão (1664). Apesar de sua brilhante defesa (1666), fica reduzido na prisão à leitura dos textos sagrados e do breviário: «Essa situação só se amenizou quando, em 1668, o rei (D. Afonso VI) foi deposto pelas cortes, dando-se o indulto a Vieira. A indiferença de dom Pedro II, novo rei, motivou-o a sair de Portugal: percorreu assim, com seus dotes de orador, importantes cortes da Europa, arrebatando, inclusive, Cristina da Suécia e seus assessores. Ainda que não haja provas concretas, é aceito como seguro que Vieira tenha, por esse tempo, colaborado no texto *«Notícias recônditas do modo de proceder da Inquisição»*, violento libelo conspirador contra o Tribunal do Santo Ofício. Em outubro de 1674, graças a um breve do papa Clemente X, foi liberado do processo inquisitorial português. É provável que tal prerrogativa tenha irado o monarca que interferiu negativamente no eventual bom resultado das negociações para implantar uma “Companhia Geral de Comércio do Brasil”.

Os mecanismos que atuavam na organização desta Companhia, por sua vez, eram também implicados na sistemática vieirense [sic] que articulava os capitais judaicos com a maior mobilidade e tolerância dos mesmos no reino. Segundo a proposta de Vieira, os judeus que colaborassem com a Companhia teriam liberdade de pagamento dos impostos. Logicamente em face disto, atraiu, novamente, os olhos raivosos da Inquisição, e foi nesse contexto que escreveu *Causa da gente da nação hebréia*. De novo em Roma, durante seis meses, lutou para voltar com outro breve que, finalmente, lhe garantia ficar, desde aquele 1675, para sempre, livre das malhas da Inquisição portuguesa» [pp. XXXII-III].

E J. C. S. Bom Mehy conclui sumariamente o seu relato com estas palavras: envelhecido e desgastado, decide voltar para a Bahia, em 1681, sob pretexto de tratamento da saúde. «Nessa circunstância, na Quinta do Tanque, refez seus *Sermões* para publicação conjunta. Nem só dos deveres intelectuais, contudo, vive Vieira esse período. Aos 80 anos de idade, ainda se investiu do cargo de Visitador das Missões. Iniciou também aí a redação de sua obra mais importante a *Clavis Prophetarum* que ainda permanece inédita, desafiando editores e homens de inteligência a investimentos em sua tradução e edição» [pp. XXXIII-IV].

b) Vieira, o Barroco e o Brasil: questionamentos

Daqui para frente, pretendo apenas expor sumariamente alguns questionamentos que me imponho nas vias e descaminhos de minha pesquisa, no intuito de, ao fazê-lo, lograr colher críticas e sugestões nos debates que porventura se desenvolverem. Os materiais que tenho recolhido e submetido à análise não me asseguram ainda suporte para confirmar ou negar as hipóteses com que tenho trabalhado. Por outro lado, muitas das fontes de estudiosos mais antigos ainda não foram por mim suficientemente localizadas ou obtidas. Em suma, meu esforço atual se resume a um trabalho meio solitário e seu tanto incerto.

Estudos mais recentes ou simples manifestações mais leves e sem densidade analítica podem ser sugestivos, porém não ultrapassam o nível das idéias gerais. Algo semelhante ocorre nos exames comparativos que tenho tentado da ensaística hispano-americana que, no entanto, possui espíritos brilhantes como um Octávio Paz, um Lezama Lima, um Alejo Carpentier, J. L. Borges, um Severo Sarduy, etc., mas que estão presos à sua óptica particular.

De todo modo, encontro em estudiosos brasileiros atuais e mesmo de décadas passadas – Jamil Haddad, Oswald de Andrade, Affonso Ávila, Haroldo de Campos, Irlemar

Chiampi, Alcir Pécora, Affonso Romano de Sant'Anna, etc. – pistas preciosas que o desdobramento da pesquisa poderá dizer quão úteis me serão. Para não alongar ainda mais este texto, dou só dois exemplos mais recentes.

Em sua ampla margem de liberdade como autor de crônicas jornalísticas, Zuenir Ventura avança ousadamente numa especulação sobre a natureza barroca da cultura nacional. Com efeito, num texto publicado na revista *Época*, de 21 de julho do ano em que se comemorava o V Centenário do Descobrimento, ele afirma sua tese, indagando no título e respondendo no subtítulo: **«O Barroco é estilo ou será a alma do Brasil? – Ele está presente até nos seios de Gisele Bündchen»**. Mas vale ceder a palavra ao jornalista – não intento analítico em seu texto, mas as idéias são deliciosamente sugestivas:

«... será indispensável ver, a partir de agora, ‘Esplendores de Espanha – de El Greco a Velásquez’ –, a mais completa exposição internacional sobre o barroco já montada no Rio de Janeiro, talvez no Brasil. Se a tarefa não bastar pelo simples prazer visual, se não valer apenas pelo mero gozo estético, o que dificilmente deixará de acontecer, valerá ao menos pela curiosidade histórica de mergulhar num momento de opulência e glória do qual participamos, ainda que de lambuja e a distância, como sempre.

Foi quando a Espanha, depois de se apossar da Coroa vizinha, criou a União Ibérica e incorporou a seu imenso império colonial Portugal e, por extensão, o Brasil, que estava engatinhando.

O chamado Século de Ouro, que vai de fins do século XVI a fins do seguinte, é um dos momentos dourados e mais radiantes do barroco, um estilo artístico que é também uma expressão de vida, uma visão de mundo, uma maneira de sentir, de ver, de se vestir e até de ser. Por isso, volta e meia a gente recorre a esse movimento procurando decifrar o país: será o Brasil um país barroco e, portanto, meio difícil de entender?

Parece que sim. O Brasil não só nasceu culturalmente barroco, como o barroco é “a alma do Brasil”, para citar o livro de Affonso Romano de Sant'Anna sobre o tema. Graças ao estilo, o país foi capaz de criar esplendores como Ouro Preto, erguer obras-primas como algumas igrejas de Minas, Salvador, Recife e Olinda, e dar ao mundo um gênio como Aleijadinho. É por causa do barroco que o visitante sente aquela vertigem, um quase delírio, uma febre do ouro ao entrar na Igreja de São Francisco, em Salvador, e olhar para as paredes.

O barroco não foi. Ele ainda é, continua presente em quase todas as manifestações da cultura brasileira, da arquitetura à pintura, da comida à moda, passando pelo futebol e pelo corpo feminino. Nada mais barroco que os seios de Gisele Bündchen. O rosto, não, é romântico. O bumbum é clássico, as pernas até meio cubistas. Mas, os seios, esses não. Com eles o barroco Oscar Niemeyer teria feito – ah, se tivesse visto antes! – duas rimas ricas para as curvas do Museu de Arte Contemporânea de Niterói.

Barroca é a técnica de composição que Villa-Lobos usou para criar suas nove “Bachianas”. Barroco é o cinema de Glauber Rocha, é nossa exuberante natureza, é o futebol de Pelé² e de todos os que, driblando a racionalidade burra dos técnicos, preferem a curva misteriosa de um chute ou o esplendor de uma finta. Afinal, o barroco é o estilo em que, ao contrário do renascentista, as regras e a premeditação importam menos que a improvisação. Quer coisa mais barroca que o Guga?

Há ainda certa resistência em aceitar o barroco como expressão de nossa alma. O presidente, por exemplo, não gosta. Já disse que é cartesiano, embora admitindo ter um pé na cozinha e outro no candomblé. Às vezes se toma depreciativamente o estilo por seus excessos – confusão, ênfase e paradoxos. Mas isso é barroquismo, não é barroco. A evolução etimológica ajuda a entender. Barroco, na origem, designa uma pérola grande e com defeito – assim como um país que a gente conhece.»

² Seria decerto mais consentâneo com o espírito do argumento ter mencionado o nome de Garrincha.

O outro exemplo, vou buscá-lo no belo ensaio de Affonso Romano, *Barroco: do quadrado à elipse* [2000], de onde retiro esta citação fundamental para a perspectiva que busco desenvolver em meu trabalho:

«O Barroco, mais do que um estilo de época, pode ser uma estratégia de representação e de organização do pensamento. Nesse sentido, ele é intemporal [sic]. Transcende os séculos XVII e XVIII. (...) O olhar estrangeiro, às vezes pelo seu natural estranhamento, e quando praticado um exercício de alteridade, pode ajudar uma cultura a ver traços fundamentais de sua formação. Sobretudo uma cultura como a brasileira, que se debate contra a racionalidade do quadrado e do círculo e que encontra na curva e na elipse a sua forma natural e prazerosa de ser ».

CRONOLOGIA DE ANTÔNIO VIEIRA

- 1608. Nasce em Lisboa, numa segunda-feira, 6 de fevereiro, primogênito dos seis filhos de Cristóvão Vieira Ravasco e Maria de Azevedo.
- 1614. Partida para a Bahia com a família.
- 1623. Entra para o noviciado da Companhia de Jesus, fugido de casa aos 15 anos de idade.
- 1624. A esquadra holandesa de Jacob Willekens conquista a Cidade da Bahia.
- 1625. Emite votos do primeiro biênio, após o noviciado; expulsão dos holandeses.
- 1626. Redige, aos 18 anos incompletos, a *Carta Anua ao Geral dos Jesuítas*, em Roma, dando conta dos acontecimentos dos dois últimos anos; transfere-se para o Colégio dos Jesuítas de Olinda, onde é encarregado de ministrar aulas de humanidades e Retórica.
- 1634. É ordenado sacerdote.
- 1635. Volta à Bahia, encarregado da cadeira de Teologia do Colégio do Terreiro de Jesus.
- 1640. Aclamação de D. João IV a 1º de dezembro; fim do período da Monarquia Dual.
- 1641. Partida de Vieira para Lisboa em companhia de D. Fernando de Mascarenhas, filho do vice-rei do Brasil, a fim de jurar obediência ao novo rei português; recebido por Dom João IV em 30 de abril e conquista suas graças.
- 1642. Prega em Setembro o «Sermão de Santo Antônio», em que discute a questão dos impostos.
- 1643. Redige a «Proposta» a D. João IV, em que analisa «o miserável estado do reino e a necessidade que tinha de admitir os judeus mercadores».
- 1644. Nomeado “Pregador Régio”; segundo João Lúcio de Azevedo, é também o ano em que faz a profissão solene dos quatro votos com que os jesuítas completam sua formação – já o Padre Serafim Leite o dá como sendo 1646; prega o «Sermão de São Roque», em que propõe a criação das duas Companhias de Comércio Ultramarino.
- 1646. Início de suas missões diplomáticas; vai primeiro a Paris, para de um possível casamento de D. Teodósio, primogênito do rei português, e depois à Haia, tentar a paz com os holandeses; retorno a Lisboa; redige a «Proposta a favor da Gente de Nação»
- 1647. Redige o «Parecer sobre a compra de Pernambuco aos holandeses»; vai a Paris em nova missão diplomática; encontra-se com o Cardeal Mazarino e a Regente Ana d’Áustria; vai à Haia e, com recursos levantados junto a judeus portugueses, compra a fragata “Fortuna”, mantimentos e munição.
- 1648. Retorno a Portugal, onde redige o «Papel a favor da entrega de Pernambuco aos holandeses», conhecido como «Papel Forte»; redige a «Carta ao Marquês de Niza», em que dá conta de seu plano para combater o poder dos espanhóis nas Conquistas.
- 1649. Primeiras denúncias no Santo Ofício; carta do Geral para expulsar Vieira da Companhia de Jesus.
- 1650. Mais denúncias no Santo Ofício; prega o «Sermão da Primeira Dominga do Advento», com severas críticas à Secretaria de Estado; embarque para Roma em nova missão diplomática (propor o casamento de D. Teodósio com D. Maria Teresa d’Austria,

- filha do rei espanhol, e, ao mesmo tempo, incentivar os revoltosos napolitanos contra ele); redige a “Carta” de aconselhamento “ao Príncipe D. Teodósio”; retomo a Lisboa.
1652. Partida para o Maranhão.
1653. Nomeado “Superior” das missões jesuíticas do Maranhão e do Pará; entrada no rio Tocantins; morte de D. Teodósio.
1654. «Carta ao Padre Provincial do Brasil», informando-lhe sobre as condições desastrosas em que estavam sendo realizadas as entradas e os resgates dos indígenas; partida para Lisboa em busca de medidas que assegurassem o fim do cativo indígena e as prerrogativas dos jesuítas na condução dos negócios dos índios no temporal e espiritual.
1655. Prega o «Sermão do Bom Ladrão», em que dá conta dos desmandos do governo colonial e da responsabilidade da Corte portuguesa; redige o «Parecer sobre a conversão e governo dos índios e gentios»; volta ao Maranhão.
1656. Nova denúncia ao Santo Ofício; morte de D. João IV e início do período de regência de D. Luísa de Gusmão; fim do seu período como “Superior”.
1658. Nomeado “Visitador”.
1659. Entrada pelo rio Tapajós; entrada pela Ilha de Joanes (Marajó); envio do escrito profético «Esperanças de Portugal...» a seu amigo André Fernandes, nomeado bispo do Japão.
1660. André Fernandes intimado a entregar o escrito ao Santo Ofício; primeiro parecer sobre o processo inquisitorial de Vieira favorável à sua prisão; entrada à serra da Ibiapaba (Ceará).
1661. Revolta dos moradores do Maranhão e Pará contra os jesuítas; Vieira embarcado à força para Lisboa; João Paulo Oliva é nomeado Geral dos jesuítas.
1662. Vieira redige a «Resposta aos 25 capítulos» de acusação contra ele e os jesuítas do Maranhão e Grão-Pará; D. Luísa é afastada em favor de D. Afonso VI, cujo ministro é o Conde de Castelo Melhor; Vieira é desterrado para o Porto.
1663. Desterro para Coimbra por solicitação do Santo Ofício; proibido de retornar ao Brasil; primeiros interrogatórios.
1664. Despacho da Inquisição condenando Vieira; em 1º de outubro é recluso ao Cárcere; mais denúncias contra ele.
1666. Entrega de sua “Defesa” ao Santo Ofício; novas denúncias e reinícios dos Interrogatórios; casamento de D. Afonso VI com D. Maria Francisca Isabel de Sabóia.
1667. No dia 23 de dezembro, proferida no Santo Ofício de Coimbra, por duas horas e quinze minutos, a sentença condenatória de Vieira; golpe de estado afasta D. Afonso VI e entrega a regência do reino a D. Pedro, seu irmão mais moço; Vieira é transferido para o Mosteiro do Pedroso, no Porto.
1668. Transferido para o noviciado da Companhia de Jesus em Lisboa; firma-se o tratado de paz com a Espanha; casamento de D. Pedro com a antiga cunhada, que teve seu casamento anulado; Vieira perdoado, exceto no tocante à proibição de versar as matérias recriminadas.
1669. Partida para Roma, em busca de revisão de sua sentença.
1672. Prega o primeiro sermão em italiano («S. Francisco»); recebe proposta de João Paulo Oliva para sucedê-lo como Pregador do Papa e para ser Assistente de Portugal em Roma.
1673. Primeiro sermão para a Rainha Cristina da Suécia («5ª Terça-feira da Quaresma»); nomeado pregador da Rainha Cristina.
1674. Breve pontifício suspendendo o Tribunal do Santo Ofício português; Vieira é chamado por D. Pedro.
1675. Breve pontifício absolvendo Vieira das penas passadas e isentando-o para sempre da jurisdição inquisitorial portuguesa; partida para Lisboa.
1678. Escreve o «Memorial feito ao Príncipe Regente D. Pedro II».
1679. Sai à luz o 1º tomo dos *Sermões*.

1680. Participação na Junta de Conselheiros de Estado e Ultramarinos para estabelecimento de plano de administração temporal e espiritual do Maranhão.
1681. Alquebrado e doente, faz seu retorno definitivo à Bahia, onde se recolhe à Quinta do Tanque e inicia a reescritura de seus Sermões; fim da suspensão dos auto-de-fé em Portugal; queimado em efígie por estudantes e populares de Coimbra nas manifestações de rua pela restauração da Inquisição.
1682. «Carta ao Marquês de Gouveia» comentando a sua queima em estátua nas comemorações de Coimbra.
1688. Vieira é nomeado “Visitador”.
1689. Morte da Rainha Cristina; «Carta ao Conde de Ericeira», autor de *Portugal Restaurado*, dando-lhe a sua versão das embaixadas de que fora incumbido por D. João IV.
1691. Fim do triênio como “Visitador”.
1694. Queda da escada; manifesta o seu «Voto sobre as dúvidas dos moradores de São Paulo»; envia carta circular de despedida a seus amigos, datada de 31 de Julho.
1697. Envia o 12º tomo dos *Sermões*, a 10 de julho dita sua última carta; morre em 18 de Julho, com oitenta e nove anos e cinco meses; exéquias em Lisboa na Igreja de São Roque, por iniciativa do Conde de Ericeira.

[Adaptado de VIEIRA, Pe. Antônio, 1995, pp. XXIX-XXXIV – org. por Alcir Pécora].

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Oswald:

- 1966 *A Marcha das Utopias*. Rio de Janeiro: MEC – Serv. de documentação – Cadernos de Cultura, n. 139.
- 1990 *A Utopia Antropofágica*. Com estudo introdutório de Benedito Nunes: «A Antropofagia ao alcance de todos». São Paulo: Globo e Secretaria de Estado da Cultura.

ÁVILA, Affonso:

- 1971 *O Lúdico e as Projeções do Mundo Barroco*. São Paulo: Perspectiva. [Toda a Primeira Parte do livro e em especial «Antônio Vieira e o *usar bem do jogo*», pp. 63-77].

ÁVILA, Affonso (org.):

- 1997 *Barroco: Teoria e Análise*. São Paulo: Perspectiva.

AZEVEDO, João Lúcio de:

- 1947 *A Evolução do Sebastianismo*, 2ª ed. Lisboa: Liv. Clássica Edit.
- 1989 *História dos Cristãos-Novos Portugueses* [1921], 3ª ed. Lisboa: Clássica Ed.
- 1992 *História de António Vieira*, 2 vols., 3ª ed. Lisboa: Clássica Editora.
- 1999 *Os Jesuítas no Grão-Pará: suas missões e a colonização*. (Bosquejo histórico com vários documentos inéditos). Belém: SECULT, fac-símile da edição de: Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1901. [Vieira comparece extensamente na obra, e mais nos capítulos II a V].

BARBOZA FILHO, Rubem:

- 2000 *Tradição e Artíficio*. Iberismo e barroco na formação americana. B. Horizonte: EdUFMG.

BATAILLON, Marcel:

- 1964 «Le Brésil dans une vision d’Isaïe selon le P. António Vieira», *Bulletin des Études Portugaises* (Institut Français au Portugal), Nouvelle Série, tome 25, pp. 11-21.

BAUMGARTEN, Jens:

- 2005 «O barroco, época pré-moderna ou pós-tridentina: conceitos, modelos e sistemas», *Humboldt*, Ano 47. Número 91: 4-7.

- BAYÓN, D.:
1982-3 «Reflexiones para comprensión del fenómeno barroco», *Barroco*, B. Horizonte, 12: 33-8.
- BAZIN, Germain:
1956 *L'Architecture Religieuse Baroque au Brésil*. São Paulo: Museu de Arte / Paris: Plon.
1990-2 «Le Baroque: un État de conscience», *Barroco*, Belo Horizonte, 15: 15-18.
- BENJAMIN, Walter:
1971 *Il dramma barocco Tedesco*. Torino: Giulio Einaudi ed. [*Der Ursprung des deutschen Trauerspiels*, Berlin, 1928].
1984 *Origem do drama barroco alemão*. Tradução, apresentação e notas de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense.
- BESSELAAR, José van den:
2002 *Antônio Vieira: profecia e polêmica*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil):
1999 *Padre Antônio Vieira: catálogo do Acervo da Biblioteca Nacional*. Luiz Felipe Baeta Neves (org.). Rio de Janeiro: EdUERJ / Bibl. Nacional. (Col. Rodolfo Garcia – vol. 25).
- BOSI, Alfredo:
1992 *Dialética da Colonização*. São Paulo: Cia. das Letras. [Cap. 4: «Vieira ou a cruz da desigualdade», pp. 119-148. Este capítulo deve ser confrontado com o seguinte, dedicado a «Antonil ou As Lágrimas da Mercadoria», visto que o autor aí examina a conduta do jesuíta Andreoni contra Vieira].
- BOXER, Charles R.:
1947 «Quatro Cartas inéditas do padre Antônio Vieira», *Brotéria*, Lisboa, vol. XLV.
...1957 *A great luso-brazilian figure: Pe. Antônio Vieira*. London: The Hispanic and Luso-Brazilian Councils.
1963 *A Idade do Ouro do Brasil*. Col. “Brasiliana”. São Paulo: Cia. Edit. Nac.
1977 *O Império Colonial Português*. Lisboa: Edições 70.
2007 *A Igreja Militante e a Expansão Ibérica 1440-1770*. S. Paulo: Cia. das Letras.
- BRAGA, Teófilo:
1984 *História da Literatura Portuguesa – Os Seiscentistas*. 3.º vol. Lisboa: Impr. Nacional – Casa da Moeda.
- CAMPOS, Haroldo de:
1989 *O Seqüestro do Barroco na Formação da Literatura Brasileira – o caso Gregório de Mattos*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado.
2002 «Barroco, neobarroco, transbarroco». Extraído de: *ZUNÁI – Revista de Poesia & Debate* [<http://www.revistazunai.com.br>].
- CANTEL, Raymond:
1960 *Prophétisme et Messianisme dans l'œuvre d'Antonio Vieira*. Ouvrage publié avec le concours du CNRS. Paris: Ediciones Hispano-Americanas.
1964 «L'Histoire du Futuro du Père Antônio Vieira – Réflexions sur la genèse de l'œuvre et les différents moments de sa composition», *Bulletin des Études Portugaises* (Institut Français au Portugal), Nouvelle Série, tome 25, pp. 23-49.
- CARPENTIER, Alejo:
1979 *Concerto Barroco*. Lisboa: Editorial Caminho.
- CARPEAUX, Otto Maria:
1980 *História da Literatura Ocidental*, vol. III, 2ª ed. Rio de Janeiro: Alhambra.
1990 «Teatro e Estado do Barroco», *Estudos Avançados*. USP, vol.4 (10), S. Paulo, Set.-Dez., pp. 7-36.

- CASTRO, Aníbal Pinto de:
2005 «VIEIRA (Padre António)», in *Biblos – Enciclopédia VERBO das Literaturas de Língua Portuguesa*, v. 5. Lisboa: Verbo, pp. 854-874.
- CATÁLOGO
1997 *Exposição VIEIRA e a Bahia de seu Tempo (1608-1697)*. Salvador: Museu de Arte da Bahia. [Além da rica iconografia, traz alguns textos de apresentação e, sobretudo, Pedro CALMON: «Gente da Bahia no Século XVII – Costumes, cabedais e nobreza. Informações Inéditas», comunicação lida no Inst. Geogr. e Hist. da Bahia, em 17-Junho-1927].
- CHIAMPÍ, Irleamar:
1998 *Barroco e Modernidade: ensaios sobre literatura latino-americana*. SP: Perspectiva.
- COELHO, Jacinto do Prado:
1973 «P.^e António Vieira», in COELHO, J. do Prado. *Dicionário de Literatura: Brasileira, Portuguesa, Galega e Estilística literária*, 3.^a ed. Porto: Figueirinhas, 3.^a vl., pp. 1173-1178.
- COUTINHO, Afrânio:
1994 *Do Barroco* (Ensaio). Rio de Janeiro: Ed. UFRJ / Edic. Tempo Brasileiro. [Em especial «Vieira Barroco» e «Vieira e o Brasil», pp. 177-189; e «Vieira e a Crítica Estética», pp. 207-209].
- COUTO, Jorge:
1994 «VIEIRA, António (1608-1697)», in SILVA, M.^a Beatriz Nizza da: *Dicionário da História da Colonização Portuguesa no Brasil*. Lisboa: Verbo, pp. 836-7.
- CRUZ, Sor Juana Inés de la:
1981 «Carta Atenagórica» (Carta de la Madre Juana Inés de la Cruz, religiosa del Convento de San Jerónimo de la Ciudad de Méjico, en que hace juicio de un Sermón del Mandato que predicó el Reverendísimo P. Antonio de Vieyra, de la Compañía de Jesús, en el Colegio de Lisboa), *Obras Completas*, v. IV, 5.^a ed. México: Editorial Porrúa, pp. 811-827.
- CULT – Revista:
1998 *Dossiê: «Leituras Barrocas»* [Contém os seguintes textos: Adma Muhana, «O Mundo às avessas»; Irleamar Chiampi, «O Barroco no ocaso da Modernidade»; Joaci Pereira Frutado, «Barroco, neobarroco, pós-moderno»; *Idem*, «O Barroco inexistente» (entrevista Leon Kossovitch); Luciana Artacho Penna, «Diversidade americana»].
- FRANCA S. J., Leonel:
1952 *O Método Pedagógico dos Jesuítas: a «Ratio Studiorum»*. Rio: Agir.
- FRANÇA, Eduardo d'Oliveira:
1997 *Portugal na Época da Restauração*. São Paulo: Hucitec.
- GEORGOPOULOS, Cândida Leite:
1995 «Barroco no Brasil», *Biblos – Encic. das Literaturas de Língua Portuguesa*. Lisboa: Edit. Verbo, pp. 587-590.
- GODINHO, Vitorino Magalhães:
1980 *Estrutura da Antiga Sociedade Portuguesa*, 4.^a ed. Lisboa: Arcádia.
1985 «Restauração» in SERRÃO, Joel (dir.). *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Livr. Figueirinhas, vol. V, pp. 307-326.
- GOMES, Eugênio:
1986 «Antônio Vieira», in COUTINHO, Afrânio (dir.). *A Literatura no Brasil*, v. II – Era Barroca. Rio de Janeiro: J. Olympio, pp. 80-113].
- GOMES Jr., Guilherme Simão:
1998 *Palavra Peregrina. O barroco e o pensamento sobre artes e letras no Brasil*. São Paulo: Edusp – Fapesp.

HERMANN, Jacqueline:

- 2000 «Padre Antônio Vieira, SJ» in VAINFAS, Ronald (direção). *Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)*. Rio de Janeiro: Objetiva, pp. 444-447.

HOLANDA, Sérgio Buarque de:

- 1944 *Cobra de vidro*. São Paulo: Martins.
1952 *Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Colonial*. Rio de Janeiro: INL, 2 vs.
1979 «Notas sobre o Barroco», in *Tentativas de Mitologia*. S. Paulo: Perspectiva, pp. 141-165.
1985 *Visão do Paraíso*. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. 4.^a Ed. São Paulo: C. E. N.
1991a *Raízes do Brasil*, 22.^a ed. Rio de Janeiro: J. Olympio.
1991b «Antônio Vieira», *Capítulos de Literatura Colonial*. Organização e notas, e Intr. de A. Candido (p. 7-24). São Paulo: Brasiliense, pp. 430-461.
1996 *O Espírito e a Letra*. Estudos de Crítica Literária I (1920-1947): «Literatura colonial» e «Literatura jesuítica». *Idem* II (1948-1959): «Em torno de Vieira», «Teatro jesuítico I e II», «Limites do Barroco», «Ainda o Barroco», etc. São Paulo: Companhia das Letras.

LA BIBLE:

- 1989 *Traduction Œcuménique de la Bible*. Paris: Cerf / Société Biblique Française.

LEITE S. J., Serafim:

- 2000 *História da Companhia de Jesus no Brasil*, 10 tomos. Edição Fac-Similar da original (Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1943-1949) Comemorativa dos 500 Anos da Descoberta do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia. [Obra fundamental ao longo da qual a figura de Vieira aparece, e mais especialmente no tomo IV quase todo; e no tomo IX, páginas 192-363, acha-se exaustiva bibliografia sobre Vieira, repartida nos seguintes tópicos: 1) Sermões; 2) Cartas; 3) Obras várias; 4) Traduções; 5) Inéditos; 6) Biografias e outros escritos a ou sobre Vieira].

LEVY, Hannah:

- 1941 «Sobre Três Teorias do Barroco», *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, nº 5, pp. 259-284.

LIMA, José Lezama:

- 1988 *A Expressão Americana*. São Paulo: Brasiliense.

LISBOA, João Francisco:

- 1964 *Vida do Padre Antônio Vieira*. Prefácio de Peregrino Júnior. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc.

LLOSA, Mario Vargas:

- 2006 *Dicionário Amoroso da América Latina*. Rio de Janeiro: Ediouro

LYRA, M^a de Lourdes Viana:

- 1994 *A Utopia do Poderoso Império*. Portugal e Brasil: bastidores da política 1798-1822. Rio de Janeiro: Sette Letras. [A despeito de se centrar em período posterior a Vieira, a autora usa extensamente a sua ação e influência].

MACHADO, Lourival Gomes:

- 1953 *Teorias do Barroco*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde – Cadernos de Cultura, nº 51.
1991 *Barroco Mineiro*. Apresentação de Rodrigo Mello Franco de Andrade, Intr. e org. de Francisco Iglesias. São Paulo: Perspectiva.

MARAVALL, José Antonio:

- 1996 *La Cultura del Barroco*. Análisis de una estructura histórica. Barcelona: Ariel.

MARTINS, Heitor:

- 1983 *Do Barroco a Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Itatiaia.

MARTINS, Wilson:

- 1977 *História da Inteligência Brasileira*, vol. I (1550-1794). São Paulo: Cultrix. [Antônio Vieira comparece em inúmeras passagens, em especial pp. 170-225].

MATTOS, Gregório de:

- 1969 *Obras Completas*, 7 vols. Edição James Amado. Salvador: Janaína.

MELO FRANCO, Afonso Arinos de:

- 1944 *Mar de Sargação*. São Paulo: Martins.

MENEZES, E. Diatahy Bezerra de:

- 1974 «O Riso, o Cômico e o Lúdico», *Rev. de Cultura Vozes*, Petrópolis, Ano 68, v. LXVIII, n.º 1, jan.-fev., pp. 5-16.
- 1998 «O Homem Lúdico» e «Arte relaciona-se com o Lúdico e Brincadeira é coisa séria, ou a saga de Ângela Bonasartes no País dos Sentidos», in *Contrapontos – ensaios de crítica*. S. Paulo: Annablume, pp. 9-38 e 171-176, respectivamente.
- 2002 «Antropologia & Estética: o *Status Quaestionis*», Comunicação apresentada no Simpósio “Antropologia & Estética: Imagem, Letras e Música”, durante a 23.ª Reunião Bras. de Antrop. (ABA), em Gramado (RS), de 16 a 19 de Julho.

MENEZES, Raimundo de:

- 1978 *Dicionário Literário Brasileiro*, 2ª ed. Prefácio de Antonio Candido e Apresentação de José Aderaldo Castello. [«Pe. Antônio Vieira», pp. 702-703].

MENEZES, Sezinando Luiz:

- 1992 *Padre Antônio Vieira: A Cruz e a Espada*. Dissertação de Mestrado em História. São Paulo: Departamento de História – USP.

MERQUIOR, J. Guilherme:

- 1977 *De Anchieta a Euclides*. Breve História da Literatura Brasileira – I. Rio de Janeiro: J. Olympio. [Cap. I: «A Literatura da Era Barroca no Brasil (até c. 1770)», pp. 3-22].

MOISÉS, Massaud:

- 1983 *História da Literatura Brasileira - I - Origens, Barroco, Arcadismo*. São Paulo: Cultrix / Edusp.
- 1991 *A Literatura Brasileira através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1991.
- 2006a *A Literatura Portuguesa*, 34ª ed. São Paulo: Cultrix.
- 2006b *A Literatura Portuguesa através dos textos*, 30ª ed. São Paulo: Cultrix.

MORSE, Richard:

- 1986 *El Espejo de Próspero*. México: Siglo XXI. [Ver tópico “La Monarquía Barroca Española, e passim”].

MUHANA, Adma:

- 1995 *Os Autos do Processo de Vieira na Inquisição*. Edição, transcrição, glossário e notas. S. Paulo: Ed. UNESP / Salvador: Fund. Cultural do Estado da Bahia.

NEVES, Luiz Felipe Baeta:

- 1978 *O Combate dos Soldados de Cristo na Terra dos Papagaios: colonialismo e repressão cultural*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.
- 1994? *Poder e Quotidiano – Uma antropologia Política da Ordem Colonial*. Rio de Janeiro: Museu Nacional – Departamento de Antropologia – UFRJ.
- 1997 *Vieira e a Imaginação Social Jesuítica – Maranhão e Grão-Pará no século XVII*. Rio de Janeiro: Topbooks.
- 2003 *Terrena Cidade Celeste: imaginação social jesuítica e Inquisição*. Rio: Atlântica.

PALACIN, Luís:

- 1986 *Vieira e a Visão Trágica do Barroco*. Quatro estudos sobre a consciência possível. São

Paulo: Hucitec e INL.

PAZ, Octavio:

- 1983 *Sor Juana Inés de la Cruz o las Trampas de la Fe*, 3ª ed. México: F. C. E. [Ver em especial, VIª Parte, a análise da *Carta atenagórica* em que Sor Juana Inés de la Cruz critica o «Sermão do Mandato» de A. Vieira].
- 1992 *O Labirinto da Solidão*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

PÉCORA, Alcir:

- 1994 *Teatro do Sacramento: A unidade teológico-retórico-política dos Sermões de Antonio Vieira*. São Paulo: Edusp; Campinas: Ed. Unicamp.

PEIXOTO, Afrânio e ALVES, Constâncio (org.):

- 1921 *Antologia Brasileira: Vieira Brasileiro*, 2 vols. «Antônio Vieira e seu Apostolado no Brasil», introdução de Afrânio Peixoto (pp. 5-46) do 1.º volume; e o 2.º volume traz pequena «Introdução» sobre os sermões relacionados ao Brasil (pp. 7-13). Paris – Lisboa: Liv. Aillaud e Bertrand/Porto: Liv. Chardron/Rio de Janeiro: Francisco Alves.

PRESIDENTE da República Francesa & PRESIDENTE da República Federativa do Brasil:

- 1999-2000 *Brasil Barroco entre céu e terra / Brésil Baroque entre ciel et terre*, 2 vols. Paris: União Latina – Petit Palais. [Além da extensa documentação iconográfica, traz os seguintes estudos: «Encontro do Novo Mundo, 500 anos depois», Ana Mª de Moraes Belluzzo; «Entre a ordem e o caos», Nicolau Sevcenko; «Revisitando a escultura barroca brasileira», Mª Helena Ochi Flexor; «O barroco no país do açúcar», José Luiz Mota Menezes; «Barroco, estilo das Minas Gerais», Affonso Ávila; «Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho», Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira; «Especulação em torno da igreja São Fco. de Assis de Ouro Preto», Lygia Martins Costa; «Barroco e o mundo contemporâneo», Benedito Nunes; «O barroco nas Missões», Armindo Trevisan; «O barroco no Rio de Janeiro», Augusto Carlos da Silva Telles; «Poesia do barroco», Haroldo de Campos].

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva:

- 1977 *Poesia barroca*. 2ª ed. São Paulo: Melhoramentos/INL.

RONCARI, Luiz:

- 2002 *Literatura Brasileira dos primeiros cronistas aos últimos românticos*, 2ª ed. São Paulo: Edusp. [V. «Padre A. Vieira e a literatura do púlpito», pp. 147-147].

SANT'ANNA, Affonso Romano de:

- 1997 *Barroco, alma do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Comunicação Máxima – Bradesco_2ª ed. [Reeditado em inglês, francês e espanhol, 1998].
- 2000 *Barroco: do quadrado à elipse*. Rio de Janeiro: Rocco.

SANTOS, Paulo F.:

- 1951 *O Barroco e o Jesuíto na Arquitetura do Brasil*. Rio de Janeiro: Kosmos.

SARAIVA, António José:

- 1985 «VIEIRA, P.ª António (1608-1697)», in SERRÃO, Joel (org.). *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Livr. Figueirinhas, v. VI, pp. 298-302.

SILVA, Mª Beatriz Nizza da (coord.):

- 1995 *Cultura Portuguesa na Terra de Santa Cruz*. Lisboa: Editorial Estampa.

SPINA, Segismundo e CROLL, Morris W.

- 1990 *Introdução ao Maneirismo e à prosa barroca*. São Paulo: Ática.

THEODORO, Janice:

- 1992 *América Barroca. Temas e Variações*. Rio de Janeiro e São Paulo: Nova Fronteira/Edusp. [Ensaio de historiadora sobre as interrelações sociais e culturais na América hispânica e portuguesa do descobrimento e do período colonial. Ver em especial os Capítulos: 6. Estética renascentista e barroca: da uniformidade à fragmentação; 7. América barroca: dissimu

lação do contraste; 8. A retórica do cativo: Padre Antônio Vieira e a Inquisição; 9. América barroca: aparências e transparências – pp. 119-174, e notas, pp. 194-201].

VIEIRA, Pe. Antônio:

- 1954 *Sermões e Lugares Selectos*. Bosquejos histórico-literários, selecção, notas e índices remissivos por Mário Gonçalves Viana. 3ª edição. Porto: Ed. Educação Nacional.
- 1957a *Sermões*. Seleção com ensaio crítico «Vieira e o barroco brasileiro» de Jamil Almansur Haddad (pp. 7-86). São Paulo: Cia. Edit. Nacional.
- 1957b *Defesa Perante o Tribunal do Santo Ofício*, 2 tomos. Introdução e notas do Prof. Hernani Cidade (pp. VII-XL). Salvador: Livr. Progresso Edit.
- 1959 *Obras Completas do Padre António Vieira – SERMÕES*. Texto revisto pelo Rev. Padre Gonçalo Alves, que também escreve «Duas Palavras de Apresentação» (pp. I-XXX) e «Padre António Vieira – sua vida» (pp. XXXIII-XLVI). Porto: Lello & Irmão Editores. [Em 5 vols., divididos em XV tomos].
- 1982 *História do Futuro*. Introdução, actualização do texto e notas por Maria Leonor Carvalho Buescu (pp. 9-38). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- 1992 *Escritos Instrumentais sobre os Índios*. Seleção de textos: Cláudio Giordano; Ensaio introdutório: José Carlos Sebe Bom Meihy. São Paulo: EdUC/Loyola/Giordano.
- 1994 *Apologia das Coisas Profetizadas*. Organização e fixação do texto, e Introdução de Adma Fadul Muhana (pp. XI-XXXI). Lisboa: Cotovia.
- 1995 *Escritos Históricos e Políticos*. Estabelecimento dos textos, organização e Prefácio, cronologias, etc. de Alcir Pécora (pp. VII-XLIV). São Paulo: Martins Fontes.
- 1997 *Cartas*. Introdução, coordenação e anotações de J. Lúcio de Azevedo, vol. I 584 p., vol. II 691 p., vol. III 835 p. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. [Total: 2.110 págs.]
- 2005 *História do Futuro: Esperanças de Portugal e Quinto Império do Mundo*. Edição organizada por José Carlos Brandi Aleixo, SJ. «Apresentação» e «Pe. Antônio Vieira: traços marcantes da vida e da obra» pelo organizador. «Introdução à História do Futuro» pela Profª Andréia Costa Tavares. Painéis. Brasília: Editora da UnB.

VILLARI, Rosário (dir.):

- 1995 *O Homem Barroco*. Lisboa: Editorial Presença. [Original italiano: *L'Uomo Barocco*].

Fortaleza, 24 de abril de 2008.